

## Folia de São Sebastião em território quilombola: territorialidade, identidade e crenças

Hélio Rodrigues dos Santos \*

ORCID iD 0000-0003-3958-5256

Hélio Simplício Rodrigues Monteiro \*\*

ORCID iD 0000-0002-0451-2922

**Resumo** (português): O presente trabalho intitulado “Folia de São Sebastião em território quilombola: Territorialidade, identidade e crenças”, tem como objetivo geral descrever e compreender a folia de São Sebastião como instrumento de fortalecimento e manutenção da cultura quilombola. Os seus objetivos específicos são: 1) Descrever a folia como uma das práticas socioculturais presentes na comunidade; 2) Compreender o conceito de quilombo e suas limitações crenças e valores; 3) Analisar os aspectos simbólicos da folia de São Sebastião. A pesquisa está centralizada na comunidade Ema em Teresina de Goiás. As comunidades quilombolas podem ser compreendidas como grupos socioculturais étnicos cujos modos de vida as distinguem dos modelos de sociedade dito “padrão”, que tem nos países da Europa ocidental. O recurso metodológico utilizado pautou-se na pesquisa bibliográfica na qual visitamos dissertações, sites, monografias e artigos a respeito da temática cuja foi dividida em três etapas: 1) Busca por textos relevantes no Google Acadêmico, Scielo e Portal Capes; 2) Adequação ao tema de pesquisa; 3) Análise e estudo detalhado do material pesquisado. O resultado encontrado, foi que há uma falta enorme de literaturas que desvelem essa prática sociocultural quilombola. Vale destacar que a folia representa uma ação teleológica para com as comunidades pois estabelece uma relação de crenças, ligação com a terra, valores e respeito nas sociedades que as praticam. Neste sentido, a investigação nos permite refletir e analisar a relação entre a folia, cultura, identidade, subjetividade e intersubjetividade onde o sujeito ao se constituir sujeito da ação, inclui o próximo, e com isso, transforma a si, a natureza e a comunidade.

**Palavras Chaves:** Rito; Folia; Cultura; Identidade; Território

### São Sebastião kunaypan kadyz quilombola wiiz ii: awsytapkizei, dikinii na'ik mixidikery

**Dysudkidian** (wapichana): Diura'a kaydinkizei dakutinhau “São Sebastião kunaypan kadyz wiizei ii quilombola ii: Awaytapkizei, dikinii na'ik mixidikery” aikidia'azun na'apan saadakau naik na'apam aichapkary São Sebastião kunaypan kadyz kaiwekau mauzakadinkinhaa nii na'ik tapakinhaa nii quilombola kadyz. byytan diayn idikinhayda'y : kiwini'u saadan kunayapkary da'y na'apan ykaiweakau kai wiizei ii. Diytamtan- aichapan na'apam quilombola kaiwen mixidikery na'ik aimeakan kaimena'u: Idikinhaydaytan – aunytan nii na'apan kunayapkary ainharibena São Sebastião kaiwea nii. Dawatakaryy baukuptinhau wiizei Ema Teresina de Goias ii. Wiizeinhau quilombolanau tyryy inhau aichapkau pabaukuptinpen dia'an pakadyz dia'an, pamaxaapan dia'an sakichapa wiizei ydary'u (país) europa ocidental ii. Kaydinkizei kaiweakariwei, dawatakiwei baurainhau kaydinkiz dia'a kid na'ik saadakariwei kutyanaa. Nankan kywainhau kaimenau tuminpeinhau idiwey google dia'a Scielo na'ik portal Capes dia'au). patymakadan yzuaynaa lkudakaryy dawatkary di'it, ydaaya'u ikudakau awytapa, iribe aimeakan saadakau aunaa kaiweakau

\* Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGE/UnB). Especializado em Metodologia do Ensino da Matemática e da Física pela Universidade São Luís. Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2017). Graduado em Licenciatura em Educação do Campo. E-mail: rodrigueshelio75@gmail.com

\*\* Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (1997). Especialista em Educação Matemática pela Fundação Universidade Federal do Tocantins (2005). Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas pelo Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará (2011). Doutorado (2016) no Programa Multiunidades em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail:simplicio@ufg.br

kai quilombolanau bi'i. Yryyid aikidian da'a'a kunayapkary aikidian na'apam aimeakan wiizeinhau at, mixidikery, aimeakan kaimena'u naik kamynankary pidiannau bi'i. Yryyid aikidian da'a'a di'itinhapkary na'ik tykapkary na'apam kunayapkary ,kadyzyi, dikinii, na'ik pidian tuman bauran kaimen naik na'iam ytanautan paygary, amazada na'ik wiizei.

**Paradakary Dadararibena:** kunayapakary; mixidikery; dikinii; amazada

### **Folia de São Sebastião in quilombola territory: territoriality, identity and beliefs**

**Abstract** (inglês): The present work entitled “Folia de São Sebastião in quilombola territory: Territoriality, identity and beliefs”, has the general objective of describing and understanding the folia de são Sebastião as an instrument for strengthening and maintaining quilombola culture. Its specific objectives are: 1) To describe the revelry as one of the sociocultural practices present in the community; 2) Understand the concept of quilombo and its limitations, beliefs and values; 3) Analyze the symbolic aspects of the São Sebastião revelry. The research is centered on the Ema community in Teresina de Goiás. Quilombola communities can be understood as ethnic socio-cultural groups whose ways of life distinguish them from the so-called “standard” society models that they have in western European countries. The methodological resource used was based on bibliographic research in which we visited dissertations, websites, monographs and articles about the theme, which was divided into three stages: 1) Search for relevant texts on Google Scholar, Scielo and Portal Capes; 2) Adequacy to the research theme; 3) Analysis and detailed study of the researched material. The result found was that there is a huge lack of literature that reveals this quilombola socio-cultural practice. It is worth mentioning that the revelry represents a teleological action towards the communities because it establishes a relationship of beliefs, connection with the land, values and respect in the societies that practice them. In this sense, the investigation allows us to reflect and analyze the relationship between revelry, culture, identity, subjectivity and intersubjectivity where the subject constitutes the subject of the action, includes the neighbor, and with that, transforms himself, nature and the community .

**Keywords:** Rite; Folia; Culture; Identity; Territory

### **Introdução**

Gostaríamos de tecer a nossa conversa com rigor científico, delineando o sentido do título do texto. O deste artigo, refere-se a “Folia de São Sebastião em território quilombola: Territorialidade, identidade e crenças”. Compreendemos que as manifestações sociais, são maneiras sob a qual o homem desenvolveu os seus sentidos, significados-significantes, ou seja, conceitos materiais e imateriais que permitem a reprodução e produção da cultura por meio das suas formas de agir e se comportar.

Os aspectos sociais, culturais, identitários e territoriais, contribuem para preservar e construir novas epistemologias sobre a presença de determinados grupos sociais. Presente no escopo da constituição federal (CF/1988), especificamente no art. 68, a regulamentação prevista, consolida o direito a identificação, reconhecimento, demarcação, crença, cultura e delimitação de terras que pertencem historicamente aos remanescentes das comunidades de quilombos. Tal evidência nos reporta a necessidade e a missão de refletir sobre tais dimensões, bem como a organização desses grupos que apresentam uma dinâmica cultural.

A dinâmica cultural vem possibilitando uma mudança significativa no modelo de representatividade social das comunidades quilombolas. Essas transformações vêm resguardando uma herança material e imaterial que pode ser modificada a partir de uma gama de manifestações e múltiplas práticas socioculturais praticadas por remanescentes quilombolas que tendem a transformar-se ao longo dos tempos, entre essas múltiplas práticas socioculturais que estão em constante mudanças, destacamos para diálogo e análise o gênero folia.

As folias são caracterizadas como complexidades medievais advindas pelos missionários jesuítas que na atualidade é desencadeada por grupos sociais que como realça Pedroza (2013), pratica um ritual significativo que representa as relações de poder, cultura, identidade e crenças.

Nesse sentido o presente trabalho tem como objetivo geral: Descrever e compreender a folia de São Sebastião como instrumento de fortalecimento e manutenção da cultura quilombola. Na perspectiva de subsidiar os objetivos gerais, alicerçamos os seguintes objetivos específicos: 1) Descrever a folia como uma das práticas socioculturais presentes na comunidade; 2) Compreender o conceito de quilombo e suas limitações crenças e valores; 3) Analisar os aspectos simbólicos da folia de São Sebastião.

Buscaremos colocar em destaque a relação folia e territorialidade, povo e cultura, a importância da folia para manter e produzir tradição quilombola e a discussão sobre como essa prática sociocultural deve ser mantida pelos jovens. A pesquisa é de cunho qualitativa e apropriou-se da pesquisa bibliográfica.

A organização do trabalho divide-se em três tópicos, sendo que o primeiro, horizontaliza a construção epistêmica da folia e os seus saberes impregnados no canto, voz e nas expressões corporais e na linguagem. Entendemos que a linguagem seja ela oral ou corporal acompanha o homem de forma histórica, por isso é relevante que este tópico tenha em sua gênese a valorização de tal dimensão.

O segundo tópico apresenta a dimensão conceitual, etimológica e processual da conformação do quilombo e conseqüentemente território e identidade. Não há como explicar coligações quilombolas sem mencionar o chão do território que para os Kalungas, representam local sagrado, ou seja, a terra ganha uma nova dimensão que vai associar-se a natureza, a fertilização a cultura e a reprodução de si e do outro.

No terceiro tópico apresentamos a reflexão acerca do letramento social, que aqui abordamos como práticas socioculturais no intuito de compreender como essa prática pode contribuir e tem contribuído para a manutenção e produção da cultura e costumes.

## **1. Canto, voz e Presença: Conceito da folia e os saberes expressos oralmente.**

A humanidade historicamente transforma-se constantemente devido a necessidade de adaptação, e ao adaptar-se, transforma a si, a vida e o meio ambiente. Desde os primórdios, os ritos, mitos, cantos, símbolos, entre outras formas de comunicação e manifestação, faziam parte das atividades cotidianas dos seres humanos.

Transformando-se de forma consciente e inconsciente, tal mudança na organização social e civil, permitiu e permite compreender os processos que constitui o ser enquanto humano. Em meio a essas mudanças de vida e de localização social, a oralidade e as manifestações corporais foram uma das maneiras que permitiu o homem se comunicar e a tecer atividades complexas que vão desde produzir cultura e reproduzi-la. Assim uma das formas de transmissão da cultura, cantos e vozes é a manifestação corporal e a oralidade.

Marcushi (2008) nos esclarece que a oralidade é a manifestação da voz humana e que por ser antiga e acompanhar o homem, precede a escrita, que carrega consigo um rigor, sistematizações e organizações gramaticais. Assim, as tradições orais é uma das maneiras que diversos grupos encontram para praticar, transmitir e manter a sua cultura.

Conforme Araújo (2012), o conto oral, independe de uma localização, tempo e espaço. A oralidade é um elemento popular que permite fixar valor local, explica hábitos e costumes, traduz rituais, revela informações históricas, ou seja, é um documento vivo que além de ser passado de geração para geração, contribui para a continuidade das tradições.

Por mais que as transformações sociais venham contribuindo para uma mudança de modelos e comportamentos sociais, e que por mais que as tecnologias tenham contribuído para uma comunicação imediata, os saberes populares, os conhecimentos históricos adquiridos pelos mais antigos, ainda representam uma maneira forte de preservar e construir valores, identidade, memória e história da comunidade.

A memória é o armazenamento de fatos/acontecimentos históricos, escritos, narrados ou ouvidos, que nos permite construir novas experiências que implica desde a percepção ao ato de garantir um sentido social capaz de estabelecer novas conexões entre a própria memória e a cultura. Por isso a memória é um elemento central para que possamos continuar a alicerçar as relações entre práticas culturais, identidade e território.

As práticas culturais são entendidas como um encadeamento de vários elementos presentes na cultura, tais como: a língua, hábitos, sistema de valores, etc. que são

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião... transmitidos de geração a geração que podem ser desencadeadas pela família ou pelo meio. Daí que não podemos confundir e nem dissociar a cultura da educação, pois ao mesmo tempo que se constrói a educação, também estamos construindo a cultura. Chauí (2018) ressalta que a cultura é a herança social de um povo ou a construção coletiva de uma determinada comunidade.

Assim a “perpetuação da cultura são processos sociais, não biológicos, resultante da aprendizagem. Cada sociedade transmite às gerações o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados” (MORGADO, 2018, p.2), sintetizando, são por essas percepções que a cultura é caracterizada como herança social.

A herança social é compreendida como um dos gatilhos que ajuda a direcionar, refletir e compreender-se sujeito do processo. Esse processo é a identidade, que a partir da construção de si, das relações e da compreensão do outro, vai interagindo e possibilitando a construção do pertencimento. Dentre essas heranças, destacamos a folia, que nas palavras de Reigler (2010), surge nas igrejas no período medieval. Essa manifestação social, foi trazida pelos jesuítas na forma de canções e versos.

Com as transformações sociais, avanços e ascensão do catolicismo brasileiro, as liturgias, danças e festas, aos poucos foram sendo extintas das igrejas, e como descreve (SOUZA; ARAÚJO, 2020), as práticas culturais passam a se reproduzir nas fazendas, bairros nobres, sendo que “esta apropriação popular de cultos e crenças trazidas pela Igreja Católica leva a uma prática religiosa autônoma, diminuindo o controle da hierarquia eclesiástica” (REIGLER, 2010, p.21), contribuindo para que essa cultura sobrevivesse por séculos.

A folia está presente na vida da população quilombola, representa momento de fé e de crença, ou seja, são movimentos culturais discursivos que manifestam a oralidade. Reigler (2010), retrata a folia como movimento popular material religioso praticado por grupos sociais que coligam as crenças, Fé e atividade cotidiana. “A Folia remete à elementos simbólicos que expressam a particularidade de um sistema cultural religioso que fornece identidade ao ethos de grupo” (SOUZA; ARAÚJO, 2020, p.6), além de uma festa religiosa, podemos classificá-la como ritual ligado as raízes católicas da comunidade, que traduzem a crença e a construção de valores morais.

## **2 Conceito de Quilombo: Territorialidade, identidade e cultura**

Buscamos evidenciar neste trabalho, que não utilizaremos as definições atrasadas designadas ao Quilombo Kalunga que muitas literaturas vêm reproduzindo. Como por

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião... exemplo destaca Scmitt; Turatti; Carvalho (2002), por meio do Conselho Ultramarino dando a seguinte definição como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões levantados”. (SCHIMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 2). Não nos apoiaremos apenas na definição de que o quilombo é um local de difícil acesso e que tem quilombolas residindo por mais de 200 anos isolados. A nossa perspectiva é evidenciar um quilombo ressignificado que nas palavras de Soares (2017, p.25), o termo é “recente”.

Como evidencia Soares (2017), entre 1889 a 1987 o termo quilombo desaparece da legislação brasileira. Entretanto, no ano de 1988, em seu artigo 68, a lei máxima evidencia “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988, Art.68). Isso evidencia que a definição de quilombo passa a ocupar um espaço não apenas pejorativo, mas ressignificado, que contempla e compreende que esses sujeitos são constituídos de história, memória e identidade.

A identidade quilombola passa por uma gama de sentimentos, pertencimentos e tomadas de decisões racionais ou irracionais que nos permite ressignificar o modo de vivências da comunidade. (FARIA; SOUZA, 2011). Sendo mais cauteloso e indo mais a fundo, a identidade quilombola além de se alicerçar nessa concepção, alinha-se horizontalmente na dimensão territorial. “O território quilombola permeado pelas lutas, resistências e resiliências, é a base para manutenção do trabalho e da sustentabilidade quilombola e das Comunidades Tradicionais Negras” (SOARES, 2017, p.2), assim não é possível associar, cultura, identidade e valores dos sujeitos quilombolas sem compreender a importância do território. Dessa maneira podemos classificar que o:

Território, não se restringe somente ao campo de entendimento da afirmação da identidade, mas apresenta-se também como instrumento de compreensão do movimento de etnicidade e da luta pelo direito agrário, que visa à ação política transformadora contrária à “lógica capitalista” no uso e apropriação da terra. Assim, a luta pela terra é uma das estratégias utilizadas por estes sujeitos e que garante a existência desses, enquanto quilombola (MALCHER, 2006, p.4).

Como bem descreve Soares (2017), a terra para os quilombolas é muito mais do que um ponto de fixação, é sobretudo espaço de convivência, existência, continuidade de seus valores simbólicos e crenças, logo a terra e o território articulam-se. Reforça Soares (2017) que as territorialidades quilombolas são frutos históricos das dinâmicas sociais, culturais políticas organizacionais que compõe um espaço-tempo permeado de bens

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião... materiais e imateriais, ou seja, é um produto da valorização simbólica de um determinado grupo.

### **3. Folia de São Sebastião: Historicidade e debate**

Ao tecer esse componente do trabalho, remeteu-nos a necessidade de trazer em poucas palavras a historicidade de São Sebastião e as conexões com o território a ser investigado. Sublinho que esse ponto de vista estará sendo embasado nos moldes da religião católica, religião que é predominante no Quilombo Kalunga na Comunidade Ema.

Se por um lado, Marx (1844), nos traz a reflexão de que “a religião é o ópio do povo”, por outro, ressaltamos que neste ensaio, a religião católica vai ser uma das categorias práticas onde a população investigada se baseia para reproduzir/manter/produzir a sua cultura. A cultura aqui toma uma dimensão dialética que para Chauí (2018), está em todos os âmbitos da vivência e convivência, do ato de cuidar, emancipar e transformar que não se restringe a uma minimização do ser, mas que conecta o passado e o presente, e ao lembrar o passado emerge as possibilidades de construir o futuro coligados a subjetividade. Ora, mas o que a cultura quilombola tem a ver com São Sebastião? Para sumarizar as ideias, vamos retornar a um passado não tão distante e discutir a ligação de São Sebastião com a comunidade.

Historicamente reconhecido como mártir da religião católica e, por não negar a sua fé em Cristo diante do imperador Diocleciano, São Sebastião que era o soldado mais bem-querido pelo imperador, conquistou o posto de comandante sendo uma das maiores patentes do exército romano. Frazão (2018), destaca que mesmo servindo ao imperador, São Sebastião converteu-se ao cristianismo. Com a amorosidade e sempre com a sua fé em Cristo, São Sebastião, dirigia-se ao coliseu para dar ânimo aos condenados e juntamente encorajá-los, afirmando que ao serem mortos, pertenceriam ao reino de Cristo.

Essa prática não agradou ao Rei, e após ser denunciado por companheiros, São Sebastião foi sentenciado a morte. “Seu corpo foi amarrado a uma árvore e alvejado por flechas atiradas por seus antigos companheiros, que o deixaram aparentemente morto” (FRAZÃO, 2018, p.1). Encontrado por uma de suas seguidoras e ao receber cuidados, São Sebastião conseguiu sobreviver e novamente retorna ao seu trabalho de difundir a palavra de Cristo. Entretanto, dessa vez o rei ordenou que o açoitassem até a morte e o seu corpo fosse jogado nas periferias de Roma.

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião...

Após isso, uma de suas seguidoras encontra o corpo do jovem guerreiro, e que a partir de um sonho, sepulta-o ao lado dos apóstolos de Cristo. Concomitantemente, a cidade de Roma passava por uma grande peste, ao ser sepultado, a peste sumiu. Daí que este Santo Popular passou a ser reconhecido como santo protetor de todas as pestes e endemias. Mas como este Santo que está em um contexto europeu, consegue atravessar as fronteiras e chegar a nós quilombolas?

Para refletir, sobre os caminhos, as devoções, folias, rezas e entre outras dimensões católicas eram muito presentes na Europa. A colonização do Brasil guarda fortes traços da cultura Europeia e principalmente da cultura africana e portuguesa. Ora, mas o que tem a ver a cultura portuguesa? É com tristeza que lembramos os 300 anos de escravidão pela cor da pele, e que mediante a esse embate de cor, raça e gênero, os quilombos foram fundados. Acreditamos que em meio as suas procuras por refúgio e na constituição de quilombos, essa prática de cultuamento aos santos possam ter chegado a nós quilombolas remanescentes de escravos.

Na comunidade Kalunga Ema, a sua procissão chega por meio do ano de 1990, advinda de seguidores que além de buscar espaços para refugiar, buscavam terras férteis para trabalhar. Esse movimento entre quilombolas é constante, pois a territorialidade é uma de suas totalidades que constitui a sua identidade, ou seja, a ligação com a terra. Essa identificação com a proteção contra as doenças, pestes, maus olhares, entre outras práticas, para os quilombolas da comunidade Ema quem os protegem é São Sebastião.

Cabe destacar que as crenças, seus significados-significantes, variam de território para território, portanto ao falarmos em crenças, culturas e valores, estaremos nos atrelando a uma totalidade local que como bem destaca Chauí (2018), é a capacidade de se relacionar com o ausente que por meio dos símbolos, linguagens e o trabalho, contribui para surgir no mundo aquilo que não existia para suprir a necessidade do homem.

### **3.1 Comunidade Ema e a Folia de São Sebastião: Aspectos históricos e Culturais**

Em qualquer tipo de investigação da realidade, é imprescindível destacar onde os fenômenos sociais encontram-se. Tratando de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, é importante ter uma visão geoespacial no que concerne à realidade, pois é preciso buscar conhecer as dimensões na sua totalidade, entendendo tal preocupação, escolha de um estudo qualitativo foi pensada justamente por que visa a descoberta e enfatiza a interpretação em contexto, buscar retratar a realidade de forma mais profunda

A escolha de um estudo qualitativo foi pensada justamente por visar a descoberta, enfatizar a interpretação em contexto, buscar retratar a realidade de forma mais profunda, usar de variedades de fontes de informação e representar diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social (ARRAES, 2007, p.13).

A partir dessa preocupação e olhar em apresentar a comunidade em sua totalidade e dimensão, buscaremos apresentar onde encontra-se a localização geográfica e os atores participantes da pesquisa. De acordo com Becker (2019), o Brasil provavelmente é o país que possui a maior diversidade étnica e linguística do mundo.

### **3.2 Ritual de folia: a solta da folia**

Consideramos relevante, trazer para a discussão em tópicos os passos da folia de São Sebastião realizada na comunidade Kalunga Ema. Deixamos claro que para alguns Municípios e Estados, a folia de São Sebastião acontece no mês de janeiro. Entretanto cabe descrever que, o nosso intuito aqui, é apresentar como essa manifestação cultural/social, acontece. A nossa lente não vai se basear em uma tradição que acontece, em tese, no Brasil todo, mas sim recortaremos essa prática social com uma lente local, atentando as crenças, promessas, devoções, entre outras dimensões.

Em alguns meses do ano, especificamente janeiro, junho e outubro, é comum em todas as partes da comunidade Ema encontrarmos sujeitos manifestando-se por meio de rezas ou seguimentos em terra, seja de joelhos ou a pé, cantando e tocando instrumentos, realizando o giro de devoção ao Santo.

Após chegarem na casa escolhida para ser realizado o pouso, inicia-se uma mobilização por parte de amigos e familiares do proprietário da casa para servir o almoço ou jantar. O pedido do pouso, é compreendido pelos seguidores como momento de descanso e de pregação da existência divina. “A cada pouso que a folia chega, cada casa onde a folia está cantando transforma-se, naquele momento, em uma Belém provisória. É como se, ao longo do giro, a visita dos Três Reis ao Menino Jesus tivesse que ser atualizada em cada casa” (PESSOA, 2007, p.65).

Após ser servido a refeição, os foliões juntamente com o alferes realizam o canto de agradecimento, essa prática é compreendida como “bendito de mesa”. Como destaca Gudinho (2017), em meio ao bendito na mesa é colocado sobre o local da comida, um garfo, uma colher e um prato de farinha. O garfo representa o homem, a colher representa a mulher e a farinha representa a casa e a família. No canto, é possível perceber que

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião... existem versos constituídos por meio da oralidade que agradecem o dono da casa, a família e a todos que ajudaram no preparo do alimento.

Após o canto de agradecimento à família, o alferes inicia a sua trajetória na qual a folia vai sendo acompanhada pelos devotos, passando de casa em casa, sublinha Pedroza (2010, p.84), que “essas casas que receberam os foliões são de famílias devotas do santo ou que compartilham da tradição cultural da folia”, acreditando que os foliões carregarão consigo a graça de Deus. Esse processo é denominado como “giro”. Nas palavras Pedroza (2010), o giro é a ação pensada e repensada desencadeada pelos foliões que carrega no ato de decidir a rota, embasamentos culturais que lhes permite executar tal ação. O Giro representa os três reis magos indo em direção ao nascimento de Cristo. Por isso a importância de tal prática.

Em outras palavras o giro caracteriza-se, por uma logística imbricada de crenças que como destaca Chaves (2014, p.251) “juntos, se deslocam a pé, de ônibus, caminhão ou, de acordo com o lugar, a cavalo por um território, visitando as casas dos moradores, levando bênçãos, cantos, músicas e danças em troca de comidas e bebidas”, na qual podem ser consumidas nos espaços da casa a ser abençoada ou podem receber “esmola”<sup>1</sup>, para contribuir no remato da folia. Representando as andanças de Cristo pelo mundo, o giro compõe de 12 foliões que representam os apóstolos de Cristo. Assim,

Um giro começa a ser concebido no momento em que uma pessoa, diante de uma situação de incerteza e dificuldade — de ordem física, financeira, espiritual, com a lavoura, a criação etc.— se apega com um santo. Na lógica da reciprocidade envolvida nas relações deste tipo, a pessoa, quando pede ao santo que conceda a dádiva, ainda estabelece a forma como será a retribuição (CHAVES, 2014, p.252).

Após durar sete dias de caminhada, a entrega da folia acontece no lugar distinto de sua saída. Normalmente para os povos quilombolas, a entrega da folia tem um local sagrado, pois normalmente é algum devoto que teve o seu pedido atendido. A entrega é, segundo Pedroza (2010), um momento de reorganizar e reagrupar os discípulos de Deus.

Neste momento, temos uma enorme festa e o alferes vindo entregar a folia ao dono da casa. Gudinho (2017), explica que a cada verso cantado, carrega consigo uma história e memória. Fortalece esse discurso, Oliveira (2014, p.174):

---

<sup>1</sup> Esmola: Consiste na arrecadação de dinheiro ou bens materiais para que possam ser utilizados no arremate da folia. Apesar de não ser obrigatório a doação, essa prática faz parte do ritual e que até mesmo nos versos dos cantos são citados em forma de agradecimento. (Kimo, 2005)

Cada verso e cada rima possuem uma história e uma intenção particular. Cada nota e cada acorde são acompanhados de emoções singulares. Cada lagrima é acompanhada de lembranças, bem como cada sorriso demonstra superação e a conquista.

Sumarizando, a cada entrega, canto e expressão oral, vai manifestando-se processos que nos remetem a memória, história, sentimentos coligados com a crença e valores que compõem a cultura. A entrega da folia representa também o pagamento de uma promessa, e a bandeira é o símbolo que representa o cumprimento e escolha do novo festeiro.

A tradição da folia é uma manifestação sociocultural muito forte entre os quilombolas. Pois seguir essa tradição tem fortes marcas com a sua maneira de produzir e se construir enquanto sujeito dono de si, coligado com a natureza, consigo e com a sociedade. Aqui vale destacar que todas as suas atividades estão permeadas de simbologias, crenças e valores, e a folia é um dos instrumentos que possibilita ao quilombola dar sentido a sua existência e ao seu modo de ver e de viver a vida.

#### **4. Considerações finais**

O estudo sobre a Folia de São Sebastião em Território Quilombola na Comunidade Ema em Teresina de Goiás, possibilitou aos pesquisadores compreender como a folia em território Quilombola vem constituindo-se enquanto espaço religioso, histórico, subjetivo, e de construção, manutenção da cultura e identidade. Essa manifestação social, cultural, multicultural, territorial, de crença e valor, contribui para uma maior afirmação e ligação com o espaço-tempo em que o indivíduo quilombola vive.

Em nossas análises, evidenciou-se também a necessidade de investigação científica com relação ao tema da folia de São Sebastião em território quilombola. Fato que para Pedroza (2013), é de suma importância tecer reflexões para que por meio da fala e da escrita, as e os valores possam ser passados de geração para geração.

Quando nos deslocamos para tal realidade quilombola, compreendemos que na construção de si, do outro e por meio desta ação teleguiada o sujeito constrói e reconstrói a sua cultura, identidade, crenças e valores. A terra e o território contribuem muitíssimo para preservar a cultura local, uma vez que a sua ligação com o território comunga na ancestralidade, códigos, hábitos alimentares e entre outras que são mantidos de geração para geração.

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião...

Por estar presente em nosso cotidiano, e por apresentar uma carência de literatura, faz necessária a forte exploração deste campo epistêmico que revela os comportamentos e práticas socioculturais realizadas por um determinado grupo social. A pesquisa nesse campo antropológico não é apenas para descrever, mas para compreender como esses grupos sociais resolvem os seus problemas, constituem suas crenças e reproduzem a sua vida.

Portanto a cultura, identidade, valores, ritos, contos, cantos, vozes e os ritmos, são maneiras/processos que compõem o dia a dia da comunidade. Nesse sentido, tal atividade não pode ser compreendida de forma passiva, mas como um elemento cultural/social dialético e dialógico que sustenta a sua cultura e o seu modo de existência.

### Referências

ARAÚJO, José Júlio César do Nascimento. A simbolização do imaginário amazônico nas narrativas orais e nas rezas dos curandeiros do Vale do Juruá. **Boitatá: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**. Londrina, n. 14, p. 105-126, ago.- dez. 2012.

BECKER, Guilherme. **O Brasil Provavelmente é o país com maior miscigenação do mundo**. Made for minds. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/3V4Bk>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CHAUI. Marilene. O que é Cultura?. 21 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoidMw>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

CHAVES, Wagner Diniz. Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 249-280, 2014.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**. v.15, nº1, Jan./Jun.2011, p.35-42. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

FRAZÃO, Dilva. São Sebastião Mártir da Igreja Cristã. 2018. Disponível em <[https://www.ebiografia.com/sao\\_sebastiao/#](https://www.ebiografia.com/sao_sebastiao/#)>. Acesso em: 07 mar. 2021.

GERKEN, Carlos Henrique de Souza; GALVAO, Ana Maria de Oliveira; DIAS, Felipe Silva. Práticas Culturais e Jogos de Linguagem entre os Povos Xakriabá. **Educ. Real.**, Porto Alegre, vol. 44, nº 2, p.1-21, 2019.

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião...

GUDINHO, Maria Lúcia Martins. **A folia de São Sebastião no Povoado São José em Cavalcante - Goiás**: uma experiência em letramentos múltiplos. 2017. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo), Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2017.

KIMO, Igor Jorge. **Estratégias de Manutenção em um terno de Folia de Reis no Norte de Minas Gerais**. ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005. Disponível em <[https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_2005/sessao13/igor\\_kimo.pdf](https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao13/igor_kimo.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Identidade quilombola e território**. 2009. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/120.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Thais Alves. Territorialidade e cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. **Cad. CRH**, Salvador, v. 30, n. 80, p. 353-370, mar. 2017.

MARX, Karl. A Contribution to the critique of Hegel's Philosophy of right. **Deutsch-Französische Jahrbücher**, Paris, vol.7, 10 February 1844. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1843/critique-hpr/intro.htm>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PEDROZA, Reigler Siqueira. **A performance da folia de São Sebastião: aspectos simbólicos de um ritual na comunidade Quilombola Magalhães (GO)**. 2013. 116f. (Dissertação-Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, 2013.

PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de caixa e viola. **Cad. CEDES**, Campinas, vol. 27, nº71, p.63-83, abr. 2007.

ROCHA, Gilmar. O verbo e o gesto: corporeidade e performance nas folias de reis. **Etnográfica**, Lisboa, vol. 20, nº 3, p. 539-564, out. 2016.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização o do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambient. soc.**, Campinas, n. 10, p. 129-136, jun. 2002.

SOARES, Edimara Gonçalves. **Quilombo**: Território e territorialidades. 2017. Disponível em

Hélio Rodrigues dos Santos & Hélio Simplício Rodrigues Monteiro, Folia de São Sebastião... <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao\\_acao/2semestre2017/fa2017\\_quilombos\\_visibilidade\\_DEDI\\_anexo1.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre2017/fa2017_quilombos_visibilidade_DEDI_anexo1.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SOUZA, André Luis Santos de; ARAÚJO, André Luiz Ribeiro de. “Folia de Reis” em minas gerais como ritual religioso, festa popular e patrimônio imaterial. **REVES**: Revista Relações Sociais, [S. l.], vol. 3, nº 3, p.212-223, 2020.

### **ANEXO: Celebrações da Festa de São Sebastião pelo Brasil**

**Foto 1:** Folia de São Sebastião e a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no Lago das Brisas, em Buriti Alegre



**Fonte:** Jornal Goiás Interior (Brasil)

<http://www.goiasinterior.com.br/conteudo/editorias/cidades/buriti-alegre/comecou-folia-de-sao-sebastiao.html>

**Foto 2:** Folias de Reis do Município de Olaria em Maripá de Minas



Fonte: [Prefeitura Municipal de Maripá de Minas](https://www.maripademinas.mg.gov.br/wp/fofia-de-sao-sebastiao-brilha-durante-encontro-regional-em-olaria/) (Brasil)

<https://www.maripademinas.mg.gov.br/wp/fofia-de-sao-sebastiao-brilha-durante-encontro-regional-em-olaria/>



Recebido em: 17/02/2021

Aceito em: 15/04/2021

Para citar este texto (ABNT): SANTOS, Hélio Rodrigues dos; MONTEIRO, Hélio Simplício Rodrigues. Folia de São Sebastião em território quilombola: territorialidade, identidade e crenças. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.251-265, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): Santos, Hélio Rodrigues dos; Monteiro, Hélio Simplício Rodrigues. (2021, jan./jun.) Folia de São Sebastião em território quilombola: territorialidade, identidade e crenças. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(1): 251-265.